

**ÓSCAR MANUEL DE CARVALHO**

**Plenitude  
da morte  
ao contrário**



1.134.3-1Carvalh  
R

1990

na pintura do autor





Para a Biblioteca Municipal  
de Garças em nome do nosso  
Filho Oscar Faurel, oferecemos  
os fais.

João Leão e Oscar

Plenitude da morte ao contrário



ÓSCAR MANUEL DE CARVALHO

# Plenitude da morte ao contrário



Barcelos  
Perm.

BARCELOS — 1990

**Para ti, querido e adorado filho que eras tão bom, puro e verdadeiro, tão diferente desta sociedade hipócrita, podre e corrupta que não tem lugar para pessoas sensíveis como tu. Tanta coisa linda nos deixaste! Tu vives em cada tela que pintaste, em cada poema que escreveste e, acima de tudo, viverás eternamente no coração dos teus pais que tanto te querem e quem tu tanto amavas.**

OS PAIS  
Maio/88

«A paixão é o único critério de existência.»

Feuerbach



I

Na montanha debaixo dos  
meus pés

Senti que tu eras  
um perfume

suave  
uma atmosfera

uma tortura visual

(1983)

## ELE MESMO COM LUCÍLIA E SOL

E eu depois conto-te  
tudo sobre os anos incontáveis  
sobre a luz que brilha e a clareira  
calma.

E dos cinco duendes  
da praça dos faunos  
e da...

Ai como ela brilhava no «el dorado»  
de um «soutien» sem costumes  
de baleia.

E depois conto-te  
da lorca  
na paixoneta mágica dos elefantes.

— Mira!

— Mira!

Na hipotenusa da Galiza  
ouve-se a voz que diz — Bem hajam —

e expira no chão dos deuses  
que  
encontrámos atrás dos sinais  
da cruz.

E rinocerontes passeiam-se  
na África  
na África.

E depois conto-te  
castelos feudais  
no sacramento dos aneis  
metais antigos  
no vermelho que me contaste  
da galei medieva  
nos campos de trigo mal ceifado  
pela semi-obscuridade agreste  
pelos cometas de cortiça  
pelos buracos dos mosquitos  
às agruras dos tempos condenados.

E depois conto-te

como nós enfeitámos  
o momento mágico  
e  
concretizámos o beijo  
quando as nossas bocas  
comiam conjuntamente  
a fatia linda da lua  
macia e líquida  
de um branco de luz  
fluído na relva.

E depois conto-te  
quando o gato estava no verde  
e fugiam por nós saltimbancos  
e as carruagens do destino  
encheram-se de mundo  
e os verbos ficaram sem tempo.

Ah!... O cacau rejuvenescia  
de castanho  
e  
os poros da tua pele

segregam o bálsamo  
que acolhe os raios de sol.  
E os teus seios escondidos  
recolhem em nós  
o abraço dos deuses.

E é assim  
que eu abro o espírito  
e o coloco nas mãos  
que se cruzam  
nas minhas-tuas ideias  
que se mostram novas.

E é com estas mãos  
que te acaricio os lábios  
e te moldo o corpo  
na comunhão do silêncio  
esquecido.

E depois conto-te  
na quietude aquática  
no banco natural e imprevisto

desta relva em que nos sentámos  
e  
em espírito e corpo  
tocámos os traços do sensível  
na mensagem do vento  
e rejeitámos o frio púdico  
que nos acossou outrora  
e libertámos os nossos corpos  
do tempo dos  
  outros  
e ficámos aqui  
na contemplação mágica  
daquilo que acontece  
que se vê quando se quer  
e acredita.

Primavera de luz (1983)

## IÓNIS

Risco em palavras  
escuras  
às listras de que te  
ofereço

O cigarro vai longo  
na mulher que se esfuma  
no ventre carregado  
na manhã que surge diferente

A Terra  
o espírito convence  
ou degenera  
passatempos ferozes  
na eloquência dos tempos

Nos lugares perdidos  
nasce-se com cores  
que não se negam  
e «a coisa de existir»  
é o trabalho das pessoas

Jamais se preocupavam os homens  
E existiam sem pensar nisso

(1983)

## LU(Z) EM CAMPOS DE PRIMAVERA

Os candeeiros esvoaçam na manhã sem agasalhos  
dos vidros partidos que salvam os tempos  
no corte a diamante  
do tablado da mesa  
que não existe e  
se imagina

O chão cresce tanto  
que se nega  
no ponto de encontro  
de um tecto que  
se quer infinito

As flores crescem  
e são arrancadas para murchar  
Admiram-se numa jarra  
num prazer inconsciente  
de olhar até morrer

Ante-fim de uma estação  
perigosa

(1983)

SÓ

No rosto só com lágrimas  
no chão do rosto  
ao encontro de sombras  
perdidas pelo tempo  
na fluidez nua da água  
viscosidade oculta da terra

Rio a traço de amargura

No rosto que espera as estrelas  
com sangue doido de tédio  
um coração bate  
mais que segundos de ansiedade

(1983)

## AMÁLGAMA

Segura ou incerta madrugada  
retribuo fálica a ferida

(Re)nasce o dia

Emaranhados

Os cabelos O húmus

O aroma O sexo

a carne na curva fremente  
a pele suave  
que acorda nua

Os olhos sonharam a noite  
e o sol transpira calor  
nas colinas

nos seios

deste novo dia

(1983)

## TRAJECTO

Sediada A virgem  
recalcada Retroactiva

E os homens  
sedentos de curvas

O café  
O caminho A espera  
a casa  
    vazia

No espírito  
um continente  
despovoado de rostos

Nas janelas  
    apenas fantasmas

(1983)

## RAIO-X

Esta a voz A pedra distraída  
o raio que trespassa a serpente  
O ovo O mamilo firme

Fecundos os seios  
de povoados & axilas

As ideias em corpo  
ao vento  
                  circundado  
da alegria  
das manchas de luar

(1983)

**A-VARIAR Cenografias (Muitas)**

Na mentira do icon  
floresce uma ave parda  
no sopé da noite

A lua esgota-se quase  
assim —... —

Os idiotas percorrem  
ruas calcetadas no calor  
dos «drugstores»

Assim não se pode realizar  
a verdade das fábulas  
na notícia do pombo

Encontra-se quase sempre  
um caminho na abóbora gigante

Cai o pano  
Um chapéu de chuvas oblíquas inunda  
Um bar camuflado

Cartas vão  
Cartas vêm  
Cartas vêm-se

Cartas descrevem círculos concêntricos  
no grito do NADA  
Nascem fusiformes  
São peixes esguios  
na masturbação dos helicópteros

E assim dançamos  
em alvoradas de plástico...

Vestimos casacos medonhos  
ao encontro das paredes  
vazias

Cantámos curvas de cangurus

Fugimos macacos lestos

Aventurámos sémen

E rimos...  
E rimos!!??

(1983)





II

**PRIMÍCIAS POÉTICAS**



## NaturUtopia

Salva-me

Dos escaravelhos  
das baratas e beatas  
de deuses e diabos  
e do raio que o parta

Do verbo TER  
do consumo gratuito  
do não-ser SER

Da paranóia colectiva  
dos engenhos nucleares  
da guerra e da fome  
dos massacres milenares  
da rotina da vida  
dos falsos juízos e  
dos maus profetas  
da estupidificação massiva

Escuta natureza bravia  
réstia de esperança

e

fugidia

Salva-me

até  
da tua própria monotonia...

(1981)

Ida sem volta

As asas do meu espírito  
estão cada vez mais cansadas,  
cansadas, cansad...

De súbito  
já sem asas  
só espaço  
para não mais voltar  
à terra do cansaço.

(1981)

## A UM AUTOCARRO

Dentro de ti sinto-me uma  
salsicha enferrujada pela  
lata que és.

Sabes?

Não passas de uma lata,  
uma lata ferrujenta...  
de salsichas podres e contaminadas  
às vezes

apetecíveis

lascivas

sensuais

outras

enfadonhas e fétidas

És um AUTOCARRO  
um autocarro do Porto  
abominável império  
das cidades-salsichas.

És um «transporte colectivo»

SABIAS?

Não! tu não sabes nada.

Cala-te!

Ó desprezível monstro  
transportador de máquinas sentimentais

E eu preciso de ti

Nós precisamos de ti

É terrível  
Terrível...  
Mas deixa lá  
Esquece...  
e sê benvindo  
ao mundo das  
Marionetes!

(1982)

A quadra da criação

O mistério da criação  
surge historicamente  
a partir do pontapé  
que se dá no cú da gente

(1982)

Na mesa da VIDA  
Tomei com DEUS  
A bebida da MORTE

Poderá alguém esperar melhor sorte?

(1982)

Memórias de um quarto só  
cheio de mim

Preparo a minha morte  
na solidão fria do quarto,  
do quarto, do quarto...

A bala que disparo sobre mim  
levará anos a cumprir o seu trajecto.

A realidade é uma sala de espelhos mentirosos  
escondida no ventre dissecado de uma raposa  
[antiga  
de dimensões indetermináveis

Um quarto  
é um conjunto de  
quatro paredes e um tecto  
e é lá que penetro  
no ideal ascético

Sou uma gota de suor  
A VIDA... é uma coisa difícil de suportar.

(1982)

## Metamorfoses (I)

O jazz invadia as paredes loucas  
do quarto

orgásmicamente

enchia-me de luz

e projectava-me em planetas de cera

água

luz

e cor

de forma subtil ou violenta

e eu ejaculava estrelas místicas e indescritíveis

E na luz velada do quarto

fizera amizades com o Além

através de Plutão

logo após ter acariciado Vénus

e com ela ter dançado

nos aneis de Júpiter

Na volta

perdi-me

no meio de seres fantásticos

de forma oblonga e cabelos de néon

Observado à luz de pirilampos cósmicos

de repente quase sem me aperceber

transformei-me numa estrela cadente

## Metamorfoses (II)

Fugi lesto  
de feiticeiras de palha  
vestidas de morte  
que me interpelavam abruptamente

Bonecos de olhos-metrelhadoras  
disparavam-me raios de ódio-laser  
e eu  
eu...  
...tornava-me num imprevisto buraco negro  
no corredor da via-láctea

Seres de todas as galáxias  
bombardeavam-me impiedosamente  
Mas com sagueza e arte  
numa bactéria me tornei

Feita a propaganda do meu novo estado  
reflecti o pânico em que me encontrava

(1982)

Na ciana atmosfera

Beijei núvens de sémen  
despejadas pela fábrica do Amor

Amei a Lua na ponta do óculo  
e os gatos miavam nos contentores do lixo

Pássaros fantásticos arrulhavam na floresta frondosa  
e eu

vestia a casaca lírica que um poeta me emprestara  
e tomei lugar no comboio do Além  
com a teoria do cronotopus encerrada numa mala

Acatei os conselhos do profeta  
Mudei-me para a terra de Ninguém

(1982)

## Da música

Da clareira do bosque  
erguiam-se  
violinos singulares saídos do nada  
e preenchiem o verde  
com notas eróticas  
penduradas nas árvores

## As núvens...

essas  
tomavam forma de mulher fatal  
e tocavam harpa e cítara com mãos  
principescas

Nas águas do lago  
uma criança descalça  
sublimava tudo aquilo  
com sua flauta.

Música e natureza  
vestiram os seus melhores trajes  
e casaram-se no templo mais próximo.

(1982)

Da areia

Mar, mar...

Assim

Só.

Mar nocturno e impenetrável

Os olhos observadores

vogam com as ondas  
em antigas e brancas barbas  
de um velho, sempre velho

que

sempre

existiu.

(1982)

A filosofia de um sorriso  
a corda de um brinquedo  
rato mecânico simpático e matreiro  
E neste espaço  
contemplámos a noite longa de Verão  
com um desejo-animal à flor da pele  
que faz despontar os mamilos firmes  
de uma mulher qualquer

Num bar distante vultos bebem  
até se chatearem  
de ser

Vulgar  
Tudo vulgar

E o sorriso morre no pensamento de si

(1982)

Espero a esperança outra vez  
como um rato de laboratório  
ou um cão de Pavlov

Olho para o relógio e  
vejo-me no espelho com um rosto antigo  
de pré-histórico que se espanta com um dinossauro  
Um dinossauro pequenino...

E o miúdo folheia uma vez mais  
um continho de contar

Sabem que a Lua só aparece quando ninguém está  
[a ver?

(1982)

Sabiam que os olhos têm alma  
e despedem sentimentos de velas muitas  
e pensam e choram  
e riem e olham  
e vêem também?

Os olhos pensam por mim  
Os olhos pensam por nós  
Os olhos pensam-se

E sabiam que os olhos  
não têm bilhete de identidade?

(1982)

## PERFORMANCE

Saio para a rua  
e os paralelos espiam os meus passos

Faço revirar cabeças  
quando os meus seios desafiam a água do mar  
Sou uma adolescente Solar  
«Caliente»

Da areia da praia  
faço grandes barcos  
e remo sexualmente até à adolescência

Apetece beijar a minha imagem  
As águas do lago parecem não mentir

Martelam-me cá dentro  
— se páras afundas-te lentamente  
É que sou um pouco inexperiente  
em terrenos pantanosos...

Descolo a cabeça do sofá  
espreguiço-me  
e ponho um cigarro mecânico  
nos meus lábios (soberbos) de coral

Amanhã sou vencida  
por mais um ano que passa  
súbito  
repentino  
amaldiçoado

Sou uma grandessíssima  
burra  
parva  
inútil  
...prestes a atingir  
um chorasmo...

Folha do diário íntimo de uma colegial que luta  
desesperadamente para não pôr mais ovinhos pela  
sua vidinha fora. (Nota do visionário)

(1982)

Voçês-talvez...

Voçês sabem dos passos taciturnos  
tecidos no preto  
Da solidão do arroz  
Do espírito fecundo  
Da gioconda  
Do giro girado  
Dos sapatos-come-LUA  
Da empatia do simpático  
Da filosofia  
Da fadiga genesíaca  
Da polia que corria  
Da sediela fina  
Do Absurdo vestido  
Das ideias  
Da idiotia  
Do cão mágico e do mágico cão  
De classificações  
De usurpações  
De desclassificações  
De rótulos de frascos  
De caixas de adjectivos  
De obuses  
De matraquilhos  
De palhaços e palácios  
De reies de mil reis  
De povos flautitantes  
De livros de lanterna mágica  
De sépia sanguínea  
Do mal e do bem

Do feio e do belo  
Da fêmea e do macho  
Da aventura da loucura  
Do ócio  
Da «gralha»  
Da poesia

Da origem  
De todos os etecéteras  
Do número 1  
Vocês sabem...

Vocês???!... (Muitos Pontos)

(1982)

Projeção poética  
de uma unidade plástica

Figuro-te na não-dimensão  
Banho-me na cobra-utopia

Jamais te buscarei  
na solidão  
de aço

Engulo-te em véus ocultos  
levanto umas pontinhas

(Re)produzo-te na angústia do laço vítreo

Riposto...

Farei jogadas impensáveis  
loucas

Deixar-me-ei na aventura

Consciente ébrio-consciente activo

Viva...  
que vivo.

Verão (1982)

## ÍNDICE

### I

Na montanha debaixo dos pés .....	9
Ele mesmo com Lucília e sol .....	10
Iónis .....	15
Lu(z) em campos de primavera .....	16
Só .....	17
Amálgama .....	18
Trajecto .....	19
Raio-X .....	20
A-VARIAR Cenografias (Muitas) .....	21
Poeta Folha — Poema de papel .....	23

### II

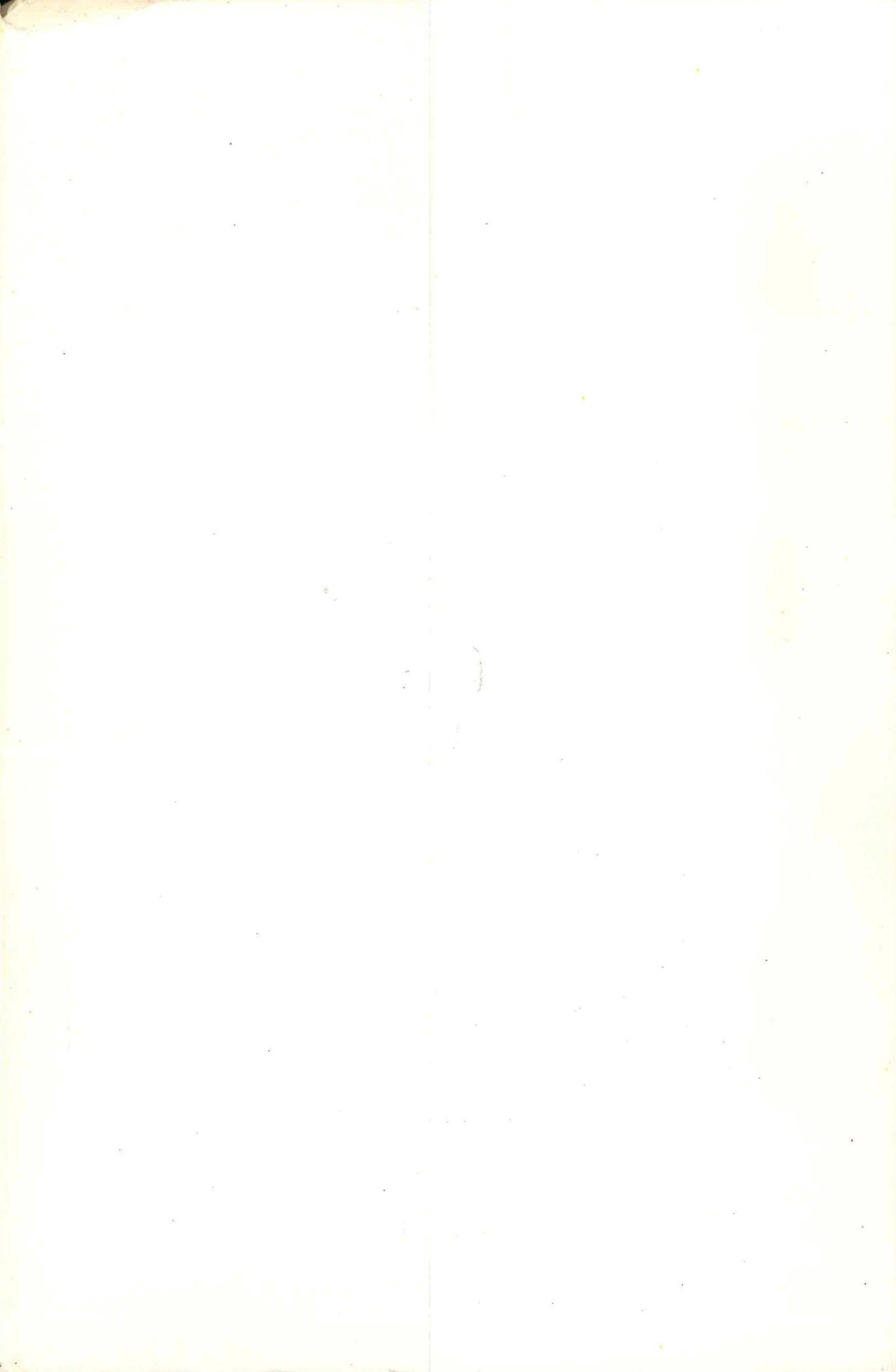
#### Primícias poéticas

NaturUtopia .....	27
Ida sem volta .....	28
A um autocarro .....	29
A quadra da criação .....	31
Na mesa da VIDA .....	32
Memórias de um quadro só cheio de mim .....	33
Metamorfoses (I) .....	34
Metamorfoses (II) .....	35
Na ciana atmosfera .....	36
Da música .....	37
Da areia .....	38
A filosofia de um sorriso .....	39
Espero a esperança outra vez .....	40
Sabiam que os olhos têm alma .....	41
Perfomance .....	42
Vocês — talvez .....	44
Projecção poética de uma unidade plástica .....	46

Composto e impresso na Empresa do Diário do Minho — Braga

---

N.º de Registo — 19.811/90





## Óscar Manuel de Carvalho

Nasceu em 20 de Julho de 1961, em Barcelos, filho de Óscar da Silva Carvalho e Maria Luísa Paula Gonçalves de Carvalho

Faleceu a 18 de Fevereiro de 1988

Completo o Curso dos Liceus em Barcelos

Cursou o 1.º ano de Direito na Universidade Livre

1983/87 — Estudos no Curso de Artes Plásticas/Pintura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto

### **PARTICIPAÇÃO EM EXPOSIÇÕES:**

Dusseldorf 84 (Pintura)

Museu da Escola Superior de Belas-Artes do Porto (ESBAP), 1984

Exposição «Jovens Pintores», Ministério da Cultura/Gale Negreiros, Lisboa-1985

Desenho — ESBAP 85, PORTO

Exposição Sala do Turismo da Póvoa de Varzim — 1987 —

biblioteca  
municipal  
barcelos



16784

Plenitude da morte ao contrário